**77**

**Se Tonico e Tinoco fossem Bororo:**

**Da Natureza da Dupla Caipira**

**Allan de Paula Oliveira**

**2005**

Antropologia em Primeira Mão **é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Reitor: Lúcio José Botelho. Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Maria Juracy Toneli. Chefe do Departamento de Antropologia: Alicia N. González de Castells. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Sonia Weidner Maluf. Sub-Coordenador: Oscar Calavia Sáez.**

**Editor responsável**

Rafael José de Menezes Bastos

**Comissão Editorial do PPGAS**

Carmen Sílvia Moraes Rial

Maria Amélia Schmidt Dickie

Oscar Calávia Sáez

Rafael José de Menezes Bastos

**Conselho Editorial**

Alberto Groisman

Aldo Litaiff

Alicia Castells

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Antonella M. Imperatriz Tassinari

Dennis Wayne Werner

Deise Lucy O. Montardo

Esther Jean Langdon

Ilka Boaventura Leite

Maria José Reis

Márnio Teixeira Pinto

Miriam Hartung

Miriam Pillar Grossi

Neusa Bloemer

Silvio Coelho dos Santos

Sônia Weidner Maluf

Theophilos Rifiotis

ISSN 1677-7174

Solicita-se permuta/Exchange Desired

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Copyright

Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise without the written permission of the publisher.

Toda correspondência deve ser dirigida à

Comissão Editorial do PPGAS

Departamento de Antropologia,

Centro de Filosofia e Humanas – CFH,

Universidade Federal de Santa Catarina,

88040-970, Florianópolis, SC, Brasil

fone: (0.XX.48) 3331. 93.64 ou fone/fax (0.XX.48) 3331.9714

e-mail: ilha@cfh.ufsc.br

www.antropologia.ufsc.br

Catalogação na Publicação Daurecy Camilo CRB-14/416

 Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)- .— Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995 -

v. ; 22cm

Irregular

ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

**Se Tonico e Tinoco fossem Bororos**:

Da natureza da dupla caipira

*Allan de Paula Oliveira*

 Um dos símbolos mais tradicionais da música brasileira é a dupla interpretando gêneros da música caipira – cateretê, cururu, querumana, pagode, dentre outros. De fato, desde a constituição deste campo musical, nas décadas de 30 e 40, este tipo de música esteve sempre atrelado à idéia da dupla. Assim, nomes indissociáveis como Tonico e Tinoco, Alvarenga e Ranchinho, Cascatinha e Inhana, Pedro Bento e Zé da Estrada, Tião Carreiro e Pardinho, Léo Canhoto e Robertinho, Chitãozinho e Xororó, dentre outros, tornaram-se referências obrigatórias na história da música caipira. Tal música tem na dupla, enquanto formação, e na viola de dez cordas, como instrumento, seus símbolos centrais. Este texto é uma reflexão inicial sobre a natureza deste tipo de formação musical, ou ainda, sobre as **lógicas subjacentes** à dupla caipira. Por isso mesmo, a perspectiva adotada neste texto será a de, partindo de diversos elementos simbólicos da prática da dupla caipira, apontar para **aspectos estruturais** deste tipo de formação, aspectos estes que vão além da história – sem abrir mão desta dimensão, mas englobando-a – e nos permitem comparar o arranjo da dupla na música caipira com outras formas de pensamento sobre a idéia do duplo.

 A dupla caipira sempre foi vista como um índice do caráter tradicional da música caipira. O seu aspecto de reciprocidade – dois cantores, tocando instrumentos, duetando as vozes – tende a ser salientado como um rebatimento, no plano da música, de um tipo de sociabilidade estruturante do universo de onde a música caipira surgiu. Há aí uma visão do que seja o “rural” no Brasil: o domínio de relações recíprocas, do personalismo e de uma visão mágica do mundo. Esta visão é a mais influente nos estudos sobre música no Brasil, de Mário de Andrade a José Ramos Tinhorão: por ser remetida ao domínio do rural, a música caipira é vista pela sua tradicionalidade, da qual o canto em duplas é um dos símbolos. No atual debate entre música caipira e sertaneja, a crítica a esta última baseia-se, sobretudo, numa perda deste caráter tradicional. Observe que mesmo na atual música sertaneja, a formação em duplas continua: Chitãozinho e Xororó, Zezé di Camargo e Luciano, só para citar os mais famosos. Tudo pôde mudar: a instrumentação, os temas, o público, o *ethos*. Contudo, a formação em dupla manteve sua centralidade.

 Alguns autores sugerem que a origem das duplas caipiras encontra-se na formação observada em alguns dos gêneros englobados pela música caipira. É o caso do catira, dança de sapateado praticada no interior de São Paulo e Minas desde o século XIX. No catira, o acompanhamento é feito por uma dupla de violeiros, que cantam em duetos. Isto também é observado nas folias de Reis e no cururu anterior à década de 40. Na música caipira, são raras as duplas com dois violeiros, sendo que a formação instrumental mais usada ao longo da história é violão e viola de dez cordas. Não há uma ordem dos instrumentos no nome das duplas, no esquema violão e viola. Em Tonico e Tinoco ou Tião Carreiro e Pardinho o nome do violeiro vem antes, mas em Raul Torres e Florêncio o violeiro é o segundo. As duplas também não são formadas necessariamente por músicos unidos por laços de parentesco. Há duplas que se encaixam nesse caso – Tonico e Tinoco, por exemplo, eram irmãos; Cascatinha e Inhana, casados – mas a grande maioria, sejam as do passado, sejam as atuais, se formaram a partir de outras formas de relação e contato entre os músicos. Também não se sustenta a idéia de que só há duplas formadas por homens, embora sejam a maioria. Exemplos de duplas femininas: Irmãs Galvão (que ainda cantam), Xandica e Xandoca, Irmãs Castro, dentre outras.

 Um estudo que tentasse pensar a natureza da dupla caipira a partir da observação da sua história, portanto, revelaria seu caráter permanente. De fato, a formação em duplas está presente na música caipira desde a constituição deste campo musical. Em 1929, quando foram gravados pela primeira vez músicos do interior do estado de São Paulo interpretando um repertório típico da região, lá estava a dupla Mariano e Caçula. Na década de 30, por sua vez, surgiriam duplas como Raul Torres e Pacífico, Alvarenga e Ranchinho. Neste momento, não é apenas no repertório caipira que o canto em duplas aparece como forma, pois mesmo no samba ela era comum – lembremos das gravações conjuntas de Francisco Alves e Mário Reis feitas entre 1928 e 1932, ou ainda, da dupla mais famosa da música brasileira nos anos 20 e 30, Jararaca e Ratinho, com seu repertório de choros, emboladas e marchas. Até o final dos anos 30, todas estas duplas são denotadas pela expressão “música sertaneja”, sendo que somente nos anos 40 – muito devido à emergência do baião como denotativo do Nordeste – é que a expressão música caipira ganha espaço. É nos anos 40 que surge aquela que seria, durante anos, o modelo da dupla caipira: Tonico e Tinoco. Nesta mesma década, a música caipira, acompanhando o movimento da música brasileira, inicia um processo de apropriação de sonoridades e formas musicais latino-americanas: gêneros como a guarânia, o bolero, o xamamé, o rasqueado, dentre outros, são incorporados à música caipira. Tal apropriação transparece no trabalho de várias duplas surgidas na década de 50, tais como Cascatinha e Inhana, Pedro Bento e Zé da Estrada (que cantavam rancheiras vestidos de *mariachis*). Outras, como Vieira e Vieirinha, trabalhavam sobre ritmos e temáticas mais tradicionais, como o catira. Na década de 60, surgiu outra dupla que entrou para a mitologia do gênero: Tião Carreiro e Pardinho. Na década de 70, a música caipira sofreu um duplo movimento: por um lado, uma busca da autenticidade, representada pelo trabalho de solistas como Inezita Barroso e Renato Teixeira; por outro, uma intensa apropriação de sonoridades e temas de cantores românticos como Roberto Carlos e Paulo Sérgio. Este movimento teve no trabalho da dupla Léo Canhoto e Robertinho uma espécie de “marco fundante” e é a base da atual música sertaneja.

 A história não revela apenas o caráter permanente deste tipo de formação musical. Há importantes elementos que emergem quando observamos a dupla caipira embebida no tempo da cronologia. Um deles – que pretendo desenvolver em trabalhos futuros – diz respeito ao *ethos* sugerido pela dupla caipira. Até a década de 50, muitas duplas operavam no domínio do humor, do riso. Isto está relacionado à exclusão do caipira de um projeto de sociedade pautado pelo progresso e pelo racionalismo – projeto este central no imaginário citadino da Primeira República. Assim, o caipira é remetido ao plano da **comicidade**, à medida que ele ocupa um lugar simbólico à margem da estrutura social: ri-se daquilo que não deve ser levado a sério, ou ainda, que está excluído da dimensão “oficial” da vida. A principal dupla caipira da década de 30, Alvarenga e Ranchinho, é, além de tudo, uma dupla de humoristas, sendo que suas próprias gravações exploram este aspecto. Tome-se, como exemplo, “Romance de uma caveira”, valsa “fúnebre” (como aparece no rótulo do 78 rpm) gravada pelos dois em fevereiro de 1940. Além dos efeitos sonoros que exploram comicamente a idéia de terror (imitações de fantasmas, por exemplo), a letra trabalha numa série de inversões de imagens que brinca com a oposição entre vida e morte:

Eram duas caveiras que se amavam

E à meia-noite se encontravam

Pelo cemitério os dois passeavam

E juras de amor então trocavam

Sentados os dois em riba da louza fria

A caveira apaixonada assim dizia

Que pelo caveiro de amor morria

E ele de amores por ela vivia

Ao longe uma coruja cantava alegre

De ver os dois caveiros assim feliz

E quando se beijavam então funébre

A coruja batendo asas pedia bis

Mas um dia chegou de pé junto

Um cadáver novo de um defunto

E a caveira por ele se apaixonou

E o caveiro antigo abandonou

O caveiro tomou uma bebedeira

E matou-se de modo romanesco

Por causa desta ingrata caveira

Que trocou ele por um defunto fresco

 Esta é apenas uma dentre as inúmeras gravações de música caipira que exploram o *ethos* do humor. No entanto, tal exploração diminui com o tempo (sem nunca se esgotar: lembremos, por exemplo, do trabalho de Rolando Boldrin, que até hoje explora essa veia humorística do caipira), sendo muito mais visível entre as duplas dos anos 30 e 40. Tonico e Tinoco, a grande dupla dos anos 40, já explora bem menos este *ethos*, assumindo muito mais o aspecto da simplicidade atribuído ao Jeca Tatu. Por sua vez, duplas dos anos 50 assumem o discurso de temática amorosa que caracteriza muito da música brasileira naquele momento. Aqui, o *ethos* passa a ser o da melancolia amorosa, quase trágica, de tal modo que as duplas de música sertaneja que emergem a partir dos anos 70 nada têm de humorístico. Se em Alvarenga e Ranchinho há a intenção do riso, em Chitãozinho e Xororó a intenção volta-se para o choro de amor.

 O tempo também revela uma transformação nos recursos performáticos. Aqui, evidencia-se como a idéia de caipira é elaborada na constituição do campo da música caipira. Se nas décadas de 20 e 30, tal campo encontra-se inserido noutro mais amplo, a música sertaneja, muitas duplas ainda não apareciam vestidas e falando como caipiras. É o caso, por exemplo, de Jararaca e Ratinho. Uma das primeiras duplas a explorar tais recursos – com o intuito de fazer rir – é Alvarenga e Ranchinho, cuja estréia em disco se dá em 1936. Tonico e Tinoco, na década seguinte, exploram ainda mais a indumentária e a linguagem, sem, no entanto, tencionar o riso. Pelo contrário, em Tonico e Tinoco o caipira é apresentado em cores do Romantismo: assim como nas telas de Almeida Prado, o caipira de Tonico e Tinoco é a simplicidade e a pureza em pessoa. Tonico e Tinoco, de certa forma, marcam o imaginário público sobre a música caipira sendo que, conforme apontei acima, eles são **a** dupla caipira. Ainda hoje, a indumentária é uma questão importante no mundo da música caipira, seja para aqueles que pretendem aparecer de forma mais autêntica, vestindo-se ainda como Jeca Tatu – caso, por exemplo, de Zé Mulato e Cassiano – seja pelos sertanejos em sua moda *country*.

 O humor e a indumentária são, portanto, aspectos relacionados à dupla caipira revelados por uma análise diacrônica. No entanto, tais aspectos constituem apenas um primeiro nível da natureza da dupla, um nível fenomenológico, único. Tais aspectos pouco dizem sobre o tipo de relação que se observa **na** dupla, entre seus dois indivíduos. Para isto, é necessária uma análise de outro tipo, que desvele aspectos que podem ser analisados a par desse tempo cronológico, não porque estão fora dele, mas porque seu tempo é outro. Tais aspectos, estruturais, talvez permitam ver a dupla caipira como uma atualização de princípios lógicos que regem relações sociais dos mais diversos tipos.

 Para compreender a relação entre os membros da dupla, tomo a sua ação mais imediata: o canto. O que caracteriza a dupla caipira – é exatamente este o aspecto pouco alterado na história – é o canto em dueto, feito geralmente em terças. Durante um trabalho de campo com músicos ligados ao cururu piracicabano – Oliveira (2004) – foi apontada a relação indissociável entre a dupla e o canto. Além disso, há uma **hierarquia** entre as vozes, nomeadas como *voz principal* e *segunda voz*. A *segunda voz*, segundo me disseram alguns violeiros em Piracicaba, é apenas um complemento, embora essencial para tornar a cantoria mais bonita. Assim, a estabilidade dos gêneros cantados em dupla advém muito mais da relação entre as vozes do que da instrumentação ou qualquer outro critério, o que nos ajudar a entender porque, para muitos “nativos” do campo da música caipira, a separação entre caipira e sertanejo, baseada na instrumentação (onde se acusa as duplas da música sertaneja de utilizarem instrumentos como guitarra elétrica e teclado), carece de sentido. Para muitos, Chitãozinho e Xororó também é uma dupla caipira, tanto quanto Tonico e Tinoco.

 Se há uma hierarquia entre as vozes há também um aspecto de **reciprocidade** entre elas. Tal aspecto se evidencia quando se transcreve, por exemplo, uma moda-de-viola cantada em dupla. Percebe-se, a partir daí, o paralelismo entre as vozes, onde qualquer movimento melódico da voz principal é duplicado pela segunda voz. Nota-se como a dupla caipira, na sua prática musical, revela, entre os membros da dupla, um movimento de reciprocidade e hierarquia, a que retornarei adiante. Mas a que nos remete este movimento? Ou ainda, neste nível estrutural, como pensar a natureza da dupla caipira?

 Para tal análise, um bom ponto de partida podem ser algumas inferências de Lévi-Strauss (1991), quando ele estabelece uma diferença entre o lugar da idéia de duplo ou gêmeos no pensamento ocidental daquele que tal idéia ocupa no pensamento ameríndio. A partir de seu conhecimento da mitologia ameríndia, Lévi-Strauss aponta para o **caráter irredutível** que gêmeos ou duplos ocupam no pensamento das sociedades do Novo Mundo. Essa irredutibilidade traduz-se numa postulação de antítese absoluta entre os membros do par – um gêmeo bom e outro mal, um correspondendo ao sol e outro à lua, vento e nuvem, céu e terra – ou de uma desigualdade relativa – um hábil e outro desastrado, um forte e outro fraco. No pensamento ocidental, Lévi-Strauss, seguindo Dumézil, aponta para uma tradição, de origem indo-européia, que postula uma tendência à indistinção e igualdade entre os gêmeos. Como exemplo, Lévi-Strauss cita Castor e Póllux, exemplo de uma dualidade que tende a se reduzir numa única entidade. Tem-se então um quadro de oposição entre duplicidade redutível/tradição indo-européia e duplicidade irredutível/tradição ameríndia.

Neste ponto de vista, a dupla caipira estaria muito mais para Meri e Ari – de um mito bororo – do que para Castor e Póllux. A primeira evidência está na irredutibilidade das vozes observada no paralelismo baseado em terças durante todo o tempo. Segundo: no próprio discurso “nativo”, é muito freqüente uma relação de oposição entre os pares da dupla. Nepomuceno (2000) descreve Tião Carreiro como “*boêmio que puxava a viola da caixa para tocar em qualquer canto...*” enquanto Pardinho era “*temperamento mais reservado...preferia guardar o instrumento e ir para casa*”. Além disso, ouvi muitas estórias em Piracicaba sobre duplas que não “dão certo” devido à incompatibilidade de gênios. Ou seja, a dupla caipira aponta para um tipo de duplicidade que é análoga àquela do pensamento ameríndio, não tendo seus termos redutíveis como na tradição indo-européia.

Quanto a isso, a dupla caipira não é um caso isolado na história do pensamento ocidental. Se Lévi-Strauss comenta de uma tradição indo-européia que reduz os termos da dupla, no mesmo texto ele vai apontar para certas formulações mais antigas, arcaicas, desta mesma tradição, onde os termos da dupla são irredutíveis, como entre os ameríndios. Ademais, é bom que se lembre de uma tradição na literatura onde os duplos são apresentados em uma desigualdade relativa – um sério e outro palhaço, um asceta e outro glutão. Pensemos em Dom Quixote e Sancho Pança, ou ainda em Sherlock Holmes e Watson. Como se fosse uma dupla caipira, os personagens de Cervantes e Conan Doyle também denotam uma ideologia da dupla que é diferente da tradição indo-européia que se firmou como clássica no pensamento ocidental, onde gêmeos e duplos tendem à indistinção.

Não se trata, porém, de afirmar somente uma analogia entre uma lógica que aparece no pensamento ameríndio e a lógica que impera na dupla caipira. Afirmar isto seria simplesmente inverter os lados da questão: de um lado que reduz a idéia de duplicidade, joga-se a dupla caipira para um lado que não a reduz. Em primeiro lugar, um fato óbvio: **não** estou lidando com sociedades ameríndias. Assim, talvez seja mais útil pensar em tais lógicas de pensamento (ameríndia/dupla irredutível e indo-européia/dupla redutível) como pólos de um continuum. Neste continuum, dupla caipira (além de Dom Quixote, Sancho Pança e outros) pode ser localizada como uma **forma intermédia** – mais próxima do pólo ameríndio – entre as ideologias apresentadas por Lévi-Strauss, pois se os termos são irredutíveis em alguns aspectos – como no encadeamento das vozes – por outro, **há também uma tendência à indistinção**: são comuns duplas se apresentarem vestindo a mesma roupa ou usando os mesmos recursos cênicos e performáticos. Além disso, o próprio jogo com os nomes – Vieira e Vieirinha, Tonico e Tinoco, ou entre as que ouvi em Piracicaba (ou soube da existência), Milo e Melo, Zé Miranda e Mirandinha, Craveiro e Cravinho – revela este “meio-termo”, ou melhor, este caráter ambíguo da dupla caipira: os nomes **tendem a ser os mesmos**, **a se reduzirem num só**, mas uma pequena diferença (uma letra ou a inversão de uma sílaba) os impede disto.

Estabelecida esta natureza da dupla caipira, como mais próxima da forma como o pensamento ameríndio lida com a idéia de duplicidade, retomo minha afirmação de um movimento de hierarquia e reciprocidade entre os membros da dupla. Esta hierarquia não aparece somente no discurso “nativo”, que opõe voz principal e segunda voz: a relação entre centro tonal e terça é, por si mesma, hierárquica. Tal hierarquia é outro indício desta natureza mais próxima do pensamento ameríndio por parte da dupla caipira, isto porque na tradição ocidental a idéia de gêmeos ou de dupla foi associada também ao princípio da reciprocidade. Como tendem a ser indiferenciados, ou ainda, tendem à igualdade, os termos da dupla, nesta tradição, ocupam o mesmo lugar na relação: não há hierarquia entre eles e toda relação se baseia na reciprocidade. De certa forma, tem-se aí a base do princípio da modernidade que, no Ocidente, conforme ensina Dumont (1967), opõe igualdade e hierarquia, além de pressupor que a reciprocidade só existe em relações de cunho igualitário – caso contrário, a relação é de dominação.

Este tema é por demais vasto para ser tratado aqui com a profundidade que merece, mas é interessante notar que a dupla caipira é uma forma de duplicidade que **articula, de maneira própria, hierarquia** – *voz principal* e *segunda voz*, centro tonal e terça – e **reciprocidade** – o paralelismo entre elas. Esta articulação, por si só, já denota seu caráter “anti-moderno”, justamente por, assim como as organizações dualistas, não exigir que o princípio da reciprocidade demande uma igualdade entre os termos do par. Os fenômenos são diferentes – dupla caipira e organizações dualistas – mas o princípio, a lógica, que subjaz a eles é análogo. Esta possibilidade aparece numa pequena passagem também oferecida por Lévi-Strauss (1949: 116): “*A organização dualista, então, não é em primeiro lugar, uma instituição... antes de tudo, é um princípio de organização, suscetível de receber aplicações muito diversas e sobretudo mais ou menos avançadas*” (tradução minha). Se em sociedades ameríndias, o princípio organiza, dentre outras coisas, regras matrimoniais, na música caipira vemo-lo organizando a relação entre os membros da dupla caipira.

Bibliografia

ALVARENGA, Oneyda.

1936. Cateretês no sul de Minas In: **Revista do Arquivo Municipal**, ano 3, vol. XXX, São Paulo, p. 31-70.

BAHKTIN, Mikhail.

1965 [2002]. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Annablume/Hucitec.

CARVALHO FRANCO, Maria Silvia de.

1969 [1997]. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

CHIARINI, João.

1947. Cururu. In: **Revista do Arquivo Municipal**, ano 13, vol. CXV, jul./set., São Paulo, p. 81-198.

DUMONT, Louis.

1967 [1997]. **Homo Hierarquicus**: o sistema de classes e suas implicações. São Paulo: EDUSP.

FRANCESCHI, Humberto M.

2003. **A Casa Edison e seu tempo.** Rio de Janeiro: Biscoito Fino/Sarapuí.

LANNA, Marcos P.D.

1996. Reciprocidade e Hierarquia. In: **Revista de Antropologia**, vol. 39, nº 1, São Paulo.

LÉVI-STRAUSS, Claude.

1949 [1990]. **Las estructuras elementares del parentesco**. Barcelona: Ediciones Paidos.

1956 [1996]. As organizações dualistas existem? In: ––––––––––––––––. **Antropologia Estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 155-189.

1991. “La natureza bipartita de los mitos ameríndios” In: ––––––––––––––––. **História de Lince**. Barcelona: Anagrama, p. 286-305.

MARCONDES, Mauro.

2001. **Enciclopédia da Música Brasileira**. São Paulo: Publifolha.

MORAES, José Geraldo Vinci de.

2000. **Metrópole em sinfonia**: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Estação Liberdade.

MUGNAINI JÚNIOR, Ayrton.

2001. **Enciclopédia das músicas sertanejas**. São Paulo: Letras & Letras.

NEPOMUCENO, Rosa.

2000. **Música Caipira**: da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34.

OLIVEIRA, Allan de Paula.

2004. **O tronco da roseira:** uma antropologia da viola caipira. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

REVEL, Jacques, DE CERTEAU, Michel e JULIA, Dominique.

1989. A beleza do morto: o conceito de cultura popular. In: **A invenção da sociedade**. Lisboa: DIFEL, p. 49-76.

SALIBA, Elias Tomé.

1998. “Dimensão cômica da vida privada na República” In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada 3:**  República – Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras.

SANT’ANNA, Romildo.

2000. **A moda é viola**: ensaio do cantar caipira. Marília: Ed. UNIMAR.

SEVCENKO, Nicolau.

1998. “A capital irradiante: técnias, ritos e ritmos do Rio” In: ––––––––––––– (org.). **História da Vida Privada 3:**  República – Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras.

ULHÔA, Martha Tupinambá de.

1999. Música sertaneja e globalização. In: TORRES, Rodrigo (org.). **Actas Del II Congresso Latinoamericano IASPM.** São Paulo: Fondart, p. 47-60

WOORTMANN, Ellen.

1995. **Herdeiros, parentes e comadres**: colonos do sul e sitiantes no Nordeste. São Paulo: Hucitec.

Discografia

ALVARENGA E RANCHINHO

1940 [s.d]. “Romance de uma caveira” In: ––––––––––––––––. **Violeiro Triste**. Curitiba: Revivendo Discos, faixa 18.

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Títulos publicados

1. MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Origem do Samba como Invenção do Brasil: Sobre o "Feitio de Oracão " de Vadico e Noel Rosa (Por que as Canções Têm Musica?), 1995.

2. MENEZES BASTOS, Rafael José de e Hermenegildo José de Menezes Bastos. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos - Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários, 1995.

3. WERNER Dennis. Policiais Militares Frente aos Meninos de Rua, 1995.

4. WERNER Dennis. A Ecologia Cultural de Julian Steward e seus desdobramentos, 1995.

5. GROSSI Miriam Pillar. Mapeamento de Grupos e Instituições de Mulheres/de Gênero/Feministas no Brasil, 1995.

6. GROSSI Mirian Pillar. Gênero, Violência e Sofrimento - Coletânea, Segunda Edição 1995.

7. RIAL Carmen Silvia. Os Charmes dos Fast-Foods e a Globalização Cultural, 1995.

8. RIAL Carmen Sílvia. Japonês Está para TV Assim como Mulato para Cerveja: lmagens da Publicidade no Brasil, 1995.

9. LAGROU, Elsje Maria. Compulsão Visual: Desenhos e Imagens nas Culturas da Amazônia Ocidental, 1995.

10. SANTOS, Sílvio Coelho dos. Lideranças Indígenas e Indigenismo Of icial no Sul do Brasil, 1996.

11. LANGDON, E Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia 1996.

12. LANGDON, E. Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica, 1996.

13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996.

14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sting, 1996.

15. WERNER Dennis. Laços Sociais e Bem Estar entre Prostitutas Femininas e Travestis em Florianópolis, 1996.

16. WERNER, Dennis. Ausência de Figuras Paternas e Delinqüência, 1996.

17. RIAL Carmen Silvia. Rumores sobre Alimentos: O Caso dos Fast-Foods,1996.

18. SÁEZ, Oscar Calavia. Historiadores Selvagens: Algumas Reflexões sobre História e Etnologia, 1996.

19. RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da Violência: Diferença e Positividade, 1997.

20. Haverroth, Moacir. Etnobotânica: Uma Revisão Teórica. 1997.

 21. Piedade, Acácio Tadeu de C. Música Instrumental Brasileira e Fricção de Musicalidades, 1997

22. BARCELOS NETO, Aristóteles. De Etnografias e Coleções Museológicas. Hipóteses sobre o Grafismo Xinguano, 1997

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Milenarismo Mucker Revisitado, 1998

GROSSI, Mírian Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, 1998

CALAVIA SÁEZ, Oscar. Campo Religioso e Grupos Indígenas no Brasil, 1998

GROSSI, Miriam Pillar. Direitos Humanos, Feminismo e Lutas contra a Impunidade. 1998

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, História e Política no Alto-Xingu: Observação a partir dos Kamayurá e da Festa da Jaguatirica (Yawari), 1998

Grossi, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas Feministas no Brasil, 1998.

MENEZES Bastos, Rafael José de. Músicas Latino-Americanas, Hoje: Musicalidade e Novas Fronteiras, 1998.

RIFIOTIS, Theophilos. Violência e Cultura no Projeto de René Girard, 1998.

HELM, Cecília Maria Vieira. Os Indígenas da Bacia do Rio Tibagi e os Projetos Hidrelétricos, 1998.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Apùap World Hearing: A Note on the Kamayurá Phono-Auditory System and on the Anthropological Concept of Culture, 1998.

 SAÉZ, Oscar Calavia. À procura do Ritual. As Festas Yaminawa no Alto Rio Acre, 1998.

 MENEZES BASTOS, Rafael José de & PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo: Sopros da Amazônia: Ensaio-Resenha sobre as Músicas das Sociedades Tupi-Guarani, 1999.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Milenarismo em Contexto Significativo: os Mucker como Sujeitos, 1999.

PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Flautas e Trompetes Sagrados do Noroeste Amazônico: Sobre a Música do Jurupari, 1999.

LANGDON, Esther Jean. Saúde, Saberes e Ética – Três Conferências sobre Antropologia da Saúde, 1999.

CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem, 1999.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Os povos Indígenas do Oiapoque: Produção de Diferenças em Contexto Interétnico e de Políticas Públicas, 1999.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part I), 2000.

LANGDON, Esther Jean. Saúde e Povos Indígenas: Os Desafios na Virada do Século, 2000.

RIAL, Carmen Silvia Moraes e GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa Metrópole, 2000.

TASSINARI, Antonella M. I. Missões Jesuíticas na Região do Rio Oiapoque, 2000.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Authenticity and Divertissement: Phonography, American Ethnomusicology and the Market of Ethnic Music in the United States of America, 2001.

RIFIOTIS, Theophilos. Les Médias et les Violences: Points de Repères sur la “Réception”, 2001.

GROSSI, Miriam Pillar e RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Urban Fear in Brazil: From the Favelas to the Truman Show, 2001.

CASTELS, Alicia Norma Gonzáles de. O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar, 2001.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. 1. Contatos Fotográficos. 2. Manezinho, de ofensa a troféu, 2001.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Racial and Ethnic Stereotypes in Brazilian Advertising. 2001

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part II), 2002.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço. Questões Teórico-Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade, 2002.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. O índio na Música Brasileira: Recordando Quinhentos anos de esquecimento, 2002

GROISMAN, Alberto. O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses, 2002

 **54. Mello, Maria Ignez Cruz. Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta, 2003.**

 **55. Sáez Oscar Calavia. Religião e Restos Humanos. Cristianismo, Corporalidade e Violência, 2003.**

 **56. Sáez, Oscar Calavia. Un Balance Provisional del Multiculturalismo Brasileño. Los Indios de las Tierras Bajas en el Siglo XXI, 2003.**

 **57. Rial, Carmen. Brasil: Primeiros Escritos sobre Comida e Identidade, 2003.**

 **58. Rifiotis, Theophilos. As Delegacias Especiais de Proteção à Mulher no Brasil e a «Judiciarização» dos Conflitos Conjugais, 2003.**

 **59. Menezes Bastos, Rafael José. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part III), 2003.**

 **60. Reis, Maria José, María Rosa Catullo e Alicia N. González de Castells. Ruptura e Continuidade com o Passado: Bens Patrimoniais e Turismo em duas Cidades Relocalizadas, 2003.**

 **61. Máximo, Maria Elisa. Sociabilidade no "Ciberespaço": Uma Análise da Dinâmica de Interação na Lista Eletrônica de Discussão 'Cibercultura'", 2003.**

 62. Pinto, Márnio Teixeira. Artes de Ver, Modos de Ser, Formas de Dar: Xamanismo e Moralidade entre os Arara (Caribe, Brasil), 2003.

 **63. Dickie, Maria Amélia S., org. Etnografando Pentecostalismos: Três Casos para Reflexão, 2003.**

 **64. Rial, Carmen. Guerra de Imagens: o 11 de Setembro na Mídia, 2003.**

 **65. Coelho, Luís Fernando Hering. Por uma Antropologia da Música Arara (Caribe): Aspectos Estruturais das Melodias Vocais, 2004.**

 **66. Menezes Bastos, Rafael José de. Les Batutas in Paris, 1922: An Anthropology of (In) discreet Brightness, 2004.**

 **67. Menezes Bastos, Rafael José de. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje, 2004.**

 **68. Sáez, Oscar Calavia. Mapas Carnales: El Territorio y la Sociedad Yaminawa, 2004.**

 **69. Apgaua, Renata. Rastros do outro: notas sobre um mal-entendido, 2004.**

 **70. Gonçalves, Cláudia Pereira. Política, Cultura e Etnicidade: Indagações sobre Encontros Intersocietários, 2004.**

 **71. Menezes Bastos, Rafael José de. "Cargo anti-cult" no Alto Xingu: Consciência Política e Legítima Defesa Étnica, 2004.**

 **72. Sáez, Oscar Calavia. Indios, territorio y nación en Brasil. 2004.**

 **73. Groisman, Alberto. Trajetos, Fronteiras e Reparações. 2004.**

 **74. Rial, Carmen. Estudos de Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação. 2004.**

 **75. Grossi, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. 2004.**

 **76. Menezes Bastos, Rafael José de. O Pensamento Musical de Claude Lévi-Strauss: Notas de Aula. 2005.**

 **77. Oliveira, Allan de Paula. Se Tonico e Tinoco fossem Bororo: Da Natureza da Dupla Caipira. 2005.**